

N. CLASS.	M371.897
CUTTER	P436c
ANO/EDIÇÃO	2017

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SUL DE MINAS
COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO
THAIS LEMES PEREIRA**

**COMO O JORNALISMO INFANTIL PODE PARTICIPAR DA CONSTRUÇÃO DA
PERSONALIDADE**

**Varginha
2017**

THAIS LEMES PEREIRA

**COMO O JORNALISMO INFANTIL PODE PARTICIPAR DA CONSTRUÇÃO DA
PERSONALIDADE**

Relatório apresentada ao curso de
Comunicação Social – Jornalismo do
Centro Universitário do Sul de Minas –
UNIS/MG como pré-requisito para
obtenção do grau de bacharel, sob
orientação do Professor Marco Antônio
Azze.

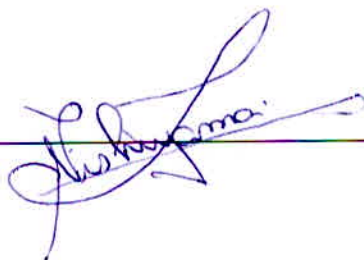
**Varginha
2017**

THAIS LEMES PEREIRA

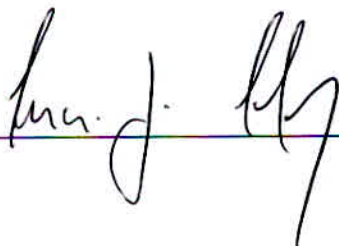
**COMO O JORNALISMO INFANTIL PODE PARTICIPAR DA CONSTRUÇÃO DA
PERSONALIDADE**

Relatório apresentada ao curso de
Comunicação Social – Jornalismo do
Centro Universitário do Sul de Minas –
UNIS/MG como pré-requisito para
obtenção do grau de bacharel, sob
orientação do Professor Marco Antônio
Azze.

Aprovado em / /



Flaviane Faia Cavalho



OBS.:

Às pessoas. Suas interações com o meio, com as outras pessoas e, sobretudo, sua diversidade. O que proporciona o conhecimento, o autoconhecimento e a reflexão – sobre o meio e elas próprias.

AGRADECIMENTOS

Professores orientadores Marco Azze e Terezinha Richartz. Os professores do curso, que todos os ensinamentos fazem parte desse projeto. Professoras Nídia Rocha, Bianca Machado e Pétrya Bischoff pela indicação de autores. Raoni Nogueira por ter cedido o espaço do laboratório Centauro. Anna Popó e sua filha Giulia. Deborah Valim e sua filha Heloísa. Viviane Junho e sua filha Valentina. Ana Souza e sua filha Sarah. Cláudio Santana e seu filho Victor. Bel e sua filha Maria Eduarda. Joyce e sua filha Evelyn. Ana e sua filha Ana Clara. Viviane Galiano e sua filha Ariane. Rita de Cássia e sua filha Heloísa. Ana Naira e sua filha Bia. Giovanni e sua filha Lana. Áurea Souza, Vanessa Manes, Juliana Francelino, Carolina Alvez, Ana Luiza Martins, Rosângela Martins e Sandra Ossani pela indicação de pessoas que poderiam se interessar e participar do projeto. Meus pais, Zilah e Mário Pereira. Equipe da biblioteca do Grupo UNIS, que sempre me atendeu com muita atenção. Valdemir Crabi por me auxiliar com o áudio dos vídeos. E os amigos que me acompanharam e cuidaram de mim quando algo não saía como planejado, os quais preciso mencionar: Alana Ribeiro, Alann Santana, Andreza Tavares, Ariane Silva, Carla Abreu, Marcelle Manes, Maria Clara Belo, Mayra Simone e Pedro Nery.

“[...] para compreender os seres humanos, devemos estudá-los desde o início da sua vida. É necessário penetrar no mundo das crianças se quisermos compreender a nós mesmos e aos outros”.

(CORIA-SABINE, 1993, p. 42)

RESUMO

Este estudo tem o objetivo de explorar como o jornalismo infantil pode participar da construção da identidade da criança, a partir do momento que coloca em confronto as crenças e ensinamentos instituídos por seu grupo social durante o processo de socialização. Além de reconhecer a criança como construtora ativa da própria história, podendo opinar sobre os assuntos que a rodeiam, sua importância para o jornalismo se dá a partir do momento que é preciso reconhecer o diálogo infantil como uma fonte de conhecimento que surge da experiência com o novo. O jornalismo, capaz de proporcionar mediação através da experiência do outro, pode fazer parte da construção da identidade quando dá voz às crianças, não interferindo na concepção de suas ideias e na forma como as divide com as outras pessoas. Quando o jornalismo participa desse processo, precisa reconhecer que a sua importância não está em oferecer um determinado conteúdo ou filtrar a mensagem que chega ao público, para que ele entenda seu significado. Sua importância está na possibilidade que pode abrir de sua mensagem participar da vida do indivíduo que a recebe, causando uma reflexão do qual o resultado não se tem o controle. A metodologia aplicada é a pesquisa bibliográfica, sendo que tais pesquisas serviram como base para o processo de execução do referido produto jornalístico¹.

Palavras-chave: Criança, Identidade, Jornalismo infantil.

¹ A imagem e voz das crianças que participaram do processo de execução do produto têm a devida autorização escrita dos pais e/ou responsáveis legais para divulgação como parte desta pesquisa.

ABSTRACT

This study aims to explore how children's journalism can participate in the construction of the child's identity, from the moment he confronts the beliefs and teachings instituted by his social group during the socialization process. In addition to recognizing the child as an active constructor of his own history and being able to express his opinion on the issues surrounding him, his importance for journalism comes from the moment that it is necessary to recognize children's dialogue as a source of knowledge that arises from experience with new. Journalism, capable of providing mediation through the experience of the other, can be part of building identity when giving voice to children, not interfering with the conception of their ideas and how they divide them with other people. When journalism participates in this process, it must recognize that its importance is not in offering a certain content or filtering the message that reaches the public, so that it understands its meaning. Its importance lies in the possibility that can open its message to participate in the life of the receiving individual, causing a reflection from which the result is not in control. The applied methodology is the bibliographical research, being that such research served as basis for the process of execution of said journalistic product².

Keywords: *Child, Identity, Children's journalism.*

² The image and voice of the children who participated in the product execution process have written authorization from the parents and / or legal guardians for disclosure as part of this research.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Exemplo 01.....	19
Quadro 02 – Exemplo 02.....	20
Quadro 03 – Exemplo 03.....	20
Quadro 04 – Exemplo 04.....	21
Quadro 05 – Exemplo 05.....	21
Quadro 06 – Exemplo 06.....	22
Quadro 07 – Exemplo 07.....	22

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 DESENVOLVIMENTO.....	11
2.1 A construção da identidade	11
2.2 A criança como construtora da própria história	12
2.2.1 A capacidade infantil.....	12
2.2.2 A importância da experimentação	13
2.3 Percepção.....	13
2.3.1 A percepção da criança.....	13
2.3.2 A percepção da criança em relação às outras crianças	14
2.3.3 A percepção da criança em relação à mídia	15
2.4 O produto	16
2.4.1 O formato.....	16
2.4.2 A relação da criança com o brinquedo	17
2.4.3 A produção do programa	18
2.4.4 Primeiras conclusões	18
2.5 Uma crítica ao jornalismo.....	23
3 CONCLUSÃO.....	25
REFERÊNCIAS	26

1 INTRODUÇÃO

A criança é tida como uma pessoa que precisa passar por um processo de socialização. Contudo, ao pensar isso, é preciso levar em consideração que a criança já nasce apta a se socializar, interagindo e agindo a partir de suas experiências com o mundo no qual está inserida. Reconhecer a criança como um sujeito social ativo é também dizer que ela é capaz de analisar e criar sua opinião sobre o que acontece ao redor. Essa opinião pode ter interferência do processo de socialização (indução) ou das suas experiências.

A infância é o momento mais propício para analisar como uma experiência interfere na vida das pessoas, pois, tendo o primeiro contato com uma determinada situação, a criança emitirá uma reação espontânea a respeito daquilo. Quanto mais velha, a exemplo dos adultos, menores são as chances de enfrentar uma situação “pela primeira vez”. A partir da experiência e do confronto entre as ideias – derivados do processo de socialização vivido por cada criança – o diálogo infantil torna-se uma enriquecedora fonte de conhecimento, capaz de carregar o entendimento sobre a sociedade e os acontecimentos sociais como um todo.

Tendo como base tais análises, o trabalho pretende responder de que forma o jornalismo infantil³ pode participar da construção da identidade. A metodologia aplicada é a pesquisa bibliográfica, sendo que tal pesquisa serviu como base para a elaboração de um produto, cujas análises tidas completam o projeto. O primeiro tópico oferece uma base para o restante do trabalho, abordando a construção da identidade da criança. O segundo tópico apresenta uma análise de como a criança pode ser construtora da própria história. O terceiro tópico aborda exclusivamente o processo de criação do produto e a análise desse projeto. Por fim, o quarto e último tópico apresenta uma crítica ao jornalismo, tendo como base as pesquisas e o resultado do presente trabalho.

³ É importante ressaltar que o que é chamado de “jornalismo infantil” nesse trabalho, trata-se da elaboração de um produto jornalístico que é conduzido por crianças, discutindo a respeito de assuntos da atualidade. Com base nas pesquisas, um produto “piloto” foi desenvolvido e auxiliaram as conclusões do trabalho.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A construção da identidade

A construção da identidade “[...] é um fenômeno que deriva da dialética entre um indivíduo e a sociedade” (BERGER; LUKMAN, 2012, p. 222), inicia quando ainda se é bebê e é um processo contínuo até a morte. Durante essa trajetória, a identidade é “mantida, modificada ou mesmo remoldada pelas relações sociais” (BERGER; LUKMAN, 2012, p. 221).

Um dos fenômenos que interage com a construção da identidade é o processo de socialização da criança, quando, através da manifestação dos grupos primário e secundário, o indivíduo, supostamente, prepara-se para viver em sociedade.

Entende-se como grupo primário:

[...] aqueles caracterizados por uma íntima cooperação e associação face a face. São primários sob vários aspectos, principalmente porque são fundamentais na formação da natureza social e nos ideais do indivíduo. O resultado dessa associação íntima e, psicologicamente, certa fusão das individualidades num todo comum, de modo que o próprio ego individual se identifica, pelo menos para vários fins, com a vida e o propósito comuns ao grupo (COOLEY, 1909 apud LAKATOS, 1990, p. 118).

Entende-se por grupo secundário:

[...] possui certas características que se apresentam como opostas as do grupo primário. As relações geralmente são estabelecidas por contato indireto e, no caso de serem por contato direto, são passageiras e desprovidas de intimidade; as relações são ainda formais e impessoais (LAKATOS, 1990, p. 118).

Nos primeiros anos de vida, o processo de socialização está diretamente ligado ao grupo social primário, no qual a criança está inserida. Isso significa que suas experiências e fontes de interação estarão limitadas ao conhecimento e possibilidades que tal grupo lhe oferece e, principalmente, àquilo que foi oferecido ao grupo no qual ela está inserida. “W. I. Thomas introduziu o termo ‘definição da situação’ para dizer que a situação em que a criança se encontra já foi definida para ela, e as regras segundo as quais deve comportar-se são determinadas pelo grupo que nasceu” (KOENING, 1983, p. 72).

Portanto, a ideia de tornar a jornalismo infantil parte desse processo é uma forma de ampliar o repertório para a construção dessa identidade; torná-lo mais amplo não significa desassociá-lo do meio no qual a criança está inserida, mas apresentar discussões que não são

típicas do ambiente infantil. Principalmente quando se leva em consideração que “receber uma identidade implica na atribuição de um lugar específico no mundo” (BERGER; LUCKMAN, 2012, p. 171), sendo o mundo tão vasto.

Para isso, a primeira questão que o jornalismo deve levar em consideração é que a criança passa, através dos grupos de socialização, por um processo de indução, pois já são seres sociais plenos, socialmente ativos, que se influenciam e se deixam influenciar (TREVISAN, 2007, p. 43).

2.2 A criança como construtora da própria história

2.2.1 A capacidade infantil

Socialmente a criança ainda é vista como um ser que requer cuidados, direção e proteção. Segundo MAYAL, “proteção implica provisão, que implica, por sua vez, relações de poder desiguais” (2002, apud SARMENTO, 2007, p. 25). Ou seja: o adulto, mesmo que espontaneamente, ainda subestima as capacidades infantis, seja ela a força, a inteligência ou sua percepção, de si e do mundo.

Contudo, a criança não é um ser passivo, que recebe e absorve sem questionamentos aquilo que o adulto reproduz, mas é uma criatura socialmente ativa.

A criança recebe, transforma e recria aquilo que absorve, modifica e dá-lhe novos significados. Não é então possível continuar a falar-se de infância, mas de *infâncias*, assumindo-se que ela varia de cultura para cultura, de sociedade para sociedade, e mesmo dentro de grupos aparentemente uniformes (TREVISAN, 2007, p. 42, grifo da autora).

Portando, “a infância é simultaneamente o espaço cultural no qual as crianças aprendem, não somente aquilo que são, mas também o que não são e o que serão”, na sua relação de pares e na sua relação com os adultos” (JAMES, 1993 apud TOMÁS, 2007, p. 104). Essa consciência se dá através da experiência e suas reações. Oportunizar a crianças novas experiência e a consciência de novos assuntos e abordagens pode permitir uma relação mais ampla com o mundo.

2.2.2 A importância da experimentação

É através das experiências que o indivíduo conhece e compreende situações presentes no cotidiano. Porém, quanto maior é o tempo de vida de uma pessoa, menores são as chances de passar por novas experiências. Portanto, a infância é o momento mais propício para a experimentação.

[...] as crianças, para que possam reconhecer e definir uma emoção necessitam de basear-se nas suas próprias experiências, para que possam recuperar e identificar em situações futuras. Ou seja, quanto mais experiências a criança detém, maior é a sua capacidade de entender e, também efetivar diferentes tipos de relações envolvendo tipos de sentimentos distintos (TREVISAN, 2007, p. 58).

A experiência está diretamente ligada aos sentidos, o que nem sempre propõe o entendimento, mas predispõe a vivência que prepara para uma situação futura. “A memória da criança não somente torna possíveis fragmentos do passado, como, também, transforma-se num *novo método de unir elementos da experiência com o presente*” (VIGOTSKI, 1998, p. 48, grifo do autor).

Thompson (1995) aponta como a mídia é capaz de oferecer uma experiência, levando em consideração que a experiência mediada é a experiência do outro:

[...] ela cultiva a faculdade de imaginação do indivíduo, que se torna cada vez mais capaz de se ver no lugar do outro – numa nova situação radicalmente diferente. A rigidez das maneiras tradicionais de vida se quebra quando os indivíduos se confrontam com alternativas anteriormente inimagináveis (THOMPSON, 1995, p. 167).

A experiência contribuiu diretamente para outro fator importante, no que diz respeito à consciência do indivíduo em relação ao mundo em que se vive: a percepção.

2.3 Percepção

2.3.1 A percepção da criança

A percepção, assim como a experiência, são fatores importantes na construção da identidade do indivíduo, uma vez que a experiência está ligada àquilo que o sujeito já viveu, ouviu ou viu e a percepção está ligada à forma como ela recebeu aquela experiência.

Contudo, a percepção está diretamente ligada à indução a qual a criança é levada no processo de socialização, uma vez que “a percepção do outro é realizada pelas crianças a

partir do conjunto de expectativas que a sua inserção cultural lhes permite” (SARMENTO, 2007, p. 37).

Mais uma vez, esbarra-se na possibilidade do jornalismo participar da construção da identidade da criança:

[...] a cada estágio de seu desenvolvimento, a criança adquire os meios para intervir de forma competente no seu mundo e em si mesma. Portanto, um aspecto crucial da condição humana, e que começa na infância, é a criação e o uso de estímulos auxiliares ou ‘artificiais’; através desses estímulos uma situação inédita e as reações ligadas a ela são alteradas pela intervenção humana ativa (JOHN-STEINER; SOUBERMAN, 1998, p. 163).

Dessa forma, a criança será capaz de contrapor os conceitos induzidos através do processo de socialização e dar aos mais diversos assuntos e fatores o seu próprio significado:

À medida que aumenta o raio de percepção, coordenação e sensibilidade, ela enfrenta os padrões educativos da cultura de sua sociedade aprende assim as modalidades básicas da existência humana, cada uma em padrões pessoal e culturalmente significativos (ERICKSON, 1971, p. 67).

2.3.2 A percepção da criança em relação às outras crianças

A escolha de um produto jornalístico para o público infantil levou a necessidade de pensar esse produto conduzido por esse público. Ter um adulto no comando de um programa de jornalismo infantil seria possível, pois se fala do choque entre pensamentos e culturas e, para isso, não há a exigência de ter-se uma criança no comando. “[...] minhas estruturas de conveniência cruzam as estruturas de conveniência dos outros em muitos pontos, dando em resultados termos sociais ‘interessantes’ a dizermos uns aos outros” (BERGER; LUCKMAN, 2012, p. 239).

Porém, colocar um adulto a frente de um programa de jornalismo voltado ao público infantil é dar continuidade ao processo de indução, apresentado no processo de socialização da criança. E a criança, sendo um indivíduo já socializado, é capaz de expressar suas ideias e interagir com as diferenças.

Pela representação do outro, a criança incorpora, nos seus próprios traços, as linhas com que o outro inscreveu o mundo. Há peles que se desconhecem pela cor, nomes que se soletram a custo da estranheza das sílabas, medos que esconjuram figurado o susto, hábitos e costumes que estranham primeiro e depois se quotidianizam na repetição da sua aprendizagem (sic) (SARMENTO, 2007, p. 33).

2.3.3 A percepção da criança em relação à mídia

Ao falar da percepção da criança em relação à mídia, é preciso levar em consideração diversos aspectos: a diversidade cultural, a experiência através do outro e o telespectador ativo. Elementos que devem ser analisados não apenas quando se trata de um produto jornalístico voltado ao público infantil, mas a qualquer produto jornalístico.

A diversidade cultural diz respeito ao modo de vida, ao conhecimento e ao que a criança foi induzida a acreditar até o momento. É possível que duas crianças vizinhas apresentem uma vasta diversidade cultural, pois a cultura está ligada aos aspectos sociais no qual essa criança está inserida, o que faz com que a recepção de uma mensagem seja feita de um modo para um e de outro modo para outro. “Portanto, um sistema funcional de aprendizado de uma criança pode não ser idêntico ao de outra, embora possa haver semelhanças em certos estágios do desenvolvimento” (JOHN-STEINER; SOUBERMAN, 1998, p. 167).

Outra questão que deve ser analisada é a experiência mediada, que acontece a partir do outro. “Em primeiro lugar, experimentar eventos através da mídia é experimentar eventos que, em sua grande maioria, estão distantes espacialmente (e também temporalmente) dos contextos práticos da vida diária” (THOMPSON, 1995, p. 197). “Lerner usa o termo ‘empatia’ para descrever a capacidade – estimulada pela exposição à mídia – de se imaginar no lugar do outro, e a considera um aspecto-chave da vida social moderna” (1958 apud THOMPSON, 1995, p. 167). Thompson complementa, dizendo:

A empatia permite que os indivíduos se distanciem imaginariamente das circunstâncias imediatas e se interessem por assuntos que não lhes afetam a vida cotidiana. Com o desenvolvimento da empatia, o self se torna mais expansivo, ansioso, aberto; e ao invés de se ver localizado num ponto fixo de uma ordem imutável de coisas, percebe a própria vida como um ponto que se move ao longo de uma trajetória de coisas imaginadas (THOMPSON, 1995, p. 168).

Para isso, é preciso manter em mente que o receptor não é um consumidor passivo dos produtos midiáticos,

[...] a recepção dos produtos da mídia é um processo mais ativo e criativo do que o mito do assistente passivo sugere. Eles também mostram que o sentido que os indivíduos dão aos produtos da mídia varia de acordo com a formação e as condições sociais de cada um, de tal maneira que a mesma mensagem pode ser entendida de várias maneiras em diferentes contextos (THOMPSON, 1995, p. 42).

Quando se apresenta a possibilidade do jornalismo infantil participar da construção da identidade, fala-se de um processo de apropriação, quando a mensagem tem reação na vida cotidiana do indivíduo.

A apropriação dos produtos da mídia é sempre um fenômeno localizado, no sentido de que ela sempre envolve indivíduos específicos que estão situados em contextos social-históricos particulares, e que cotam com os recursos que lhes são disponíveis para dar sentido às mensagens da mídia e as incorporar em suas vidas, e as mensagens são frequentemente transformadas no processo de apropriação, conforme os indivíduos as adaptam aos contextos práticos da vida cotidiana (THOMPSON, 1995, p. 155).

Por apropriação, entende-se:

[...] um processo que tem como consequência a reprodução, pelo indivíduo, de qualidades, capacidades e características humanas de comportamento. É um processo de absorção e transformação, pelo indivíduo, das conquistas do desenvolvimento da espécie (CORIA-SABINE, 1993, p. 151).

2.4 O produto

2.4.1 O formato

Com o avanço da tecnologia, fica mais fácil alcançar crianças das mais diversas regiões e condições sociais. A importância de atingir um grupo tão vasto e diversificado se dá justamente pelo choque das culturas, que pode ter uma ação na construção da identidade das mais diversas formas possíveis.

A ideia central é que se tenham crianças falando com as crianças que são receptoras do produto. Essas crianças não serão o foco do programa, como é visto em produtos de entretenimento voltados ao público infantil, mas serão designadas conforme o tema e para uma única apresentação. Afinal, a ideia de abordar assuntos e culturas diversas pressupõe a necessidade de ouvir as crianças que fazem parte de ambientes culturais distintos.

[...] as explicações e crenças são uma mistura de impressões reais e imaginárias, resultantes de um entendimento distorcido da realidade e da existência de um conhecimento próprio, pessoal, que se caracteriza pela ausência de lógica. Daí a riqueza e extraordinária argumentação apresentada pela criança quando ela passa a discutir com os adultos (CORIA-SABINE, 1993, p. 59 e 60).

Autores como Vigotski vão defender que o experimentador procura obter o pensamento da criança de forma “pura”, livre de duas experiências e de forma independente

do aprendizado (VIGOTSKI, 1998, p. 104). Porém, a ideia central do produto apresentado é a de uma criança compartilhar com a outra suas ideias, baseada em suas experiências e em seu aprendizado, pois são essas características que deixarão evidentes o grupo social no qual ela está inserida e também a sua cultura.

Para isso, é preciso definir a idade do público que se deseja atingir, não sendo ele completamente restrito. Mas, para que seja possível identificar essa diversidade cultural e agir, participando do processo de socialização induzida pelos grupos primários e secundários, é preciso que esse processo já tenha iniciado.

Tendo tal pensamento como base, define-se a idade a partir dos 6 anos como público-alvo para a produção e recepção do produto. “Por volta dos seis anos de idade o pensamento vai se tornando, pouco a pouco, reversível. É a reversibilidade que torna possível, à criança, operar com as classes e relações que é característico do raciocínio da fase seguinte” (CORIA-SABINE, 1993, p. 61).

Já para o limite, estipula-se a idade de 11 anos, levando em consideração que a partir de então, a criança entra na adolescência. “A adolescência é a idade da determinação final de uma dominante identidade positiva do ego. É então que um futuro próximo participa do plano consciente da vida. É então que surge a questão de se o futuro foi ou não antevisto nas expectativas anteriores” (ERIKSON, 1971, p. 284).

Apesar disso, é importante ressaltar que o público-alvo é apenas uma base. Se não é possível medir como a mensagem será recebida e interpretada pelo receptor, muito menos o público que será atingido.

Falou-se anteriormente em produzir um programa apresentado por crianças, para crianças. Mas como fazer com que a criança aceite e, principalmente, sinta-se confortável ao expor suas ideias? Nesse momento ela não estará lidando com outras crianças, mas interagindo com um objeto que intimida muitos adultos: a câmera.

2.4.2 A relação da criança com o brinquedo

A câmera pode ser encarada pela criança como um brinquedo. Ao entregar uma câmera fotográfica/filmadora a uma criança, é possível que ela a use sem as intenções de um profissional. Então o porquê não tornar o compartilhamento dessas ideias uma brincadeira?

Vigotski afirma que brincando a criança usa muito pouco o imaginário, já que para brincar, ela precisa embasar-se em uma situação real. “O brinquedo é muito mais a

lembança de alguma coisa que realmente aconteceu do que a imaginação. É mais a memória em ação do que uma situação imaginária nova” (VOGOTSKI, 1998, p. 135).

O brinquedo também é uma forma de ter a contribuição da criança sem que ela se sinta “pressionado” a dividir suas ideias. “No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo, ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento” (VIGOTSKY, 1998, p. 134 e 135).

2.4.3 A produção do programa

Ao todo, doze crianças – separadas em três grupos de três, quatro e cinco – participaram no processo de execução do programa infantil. O tema proposto para discussão foi escolhido com base nos últimos acontecimentos e discussões mais ativas nas redes sociais no segundo semestre de 2017: política e preconceito.

Reunidas em seus grupos, as crianças foram incentivadas a escrever em papéis suas dúvidas a respeito do tema proposto e depositá-las em um recipiente, sem nenhuma influência dos envolvidos no processo de filmagem. Do recipiente as perguntas eram sorteadas e feitas pelas próprias crianças, que respondiam e interagiam com as outras em busca da resposta.

Essas três experiências resultaram em um teaser, tendo em vista que a produção de um episódio do programa demandaria um número maior de pessoas envolvidas em seu processo de execução. O próximo tópico apresenta as análises concluídas a partir da experiência de elaboração do produto, transcrevendo alguns dos diálogos sem edição.

2.4.4 As primeiras conclusões

Após a experiência proporcionada pela execução de um programa de jornalismo infantil, conduzido integralmente pelas crianças, mediante um tema proposto, é possível considerar que cada uma analisará o assunto e o expõe aos demais conforme sua vivência.

[...] as explicações e crenças são uma mistura de impressões reais e imaginárias resultantes de um entendimento distorcido da realidade e da existência de um conhecimento próprio, pessoal, que se caracteriza pela ausência de lógica. Daí a

riqueza e extraordinária argumentação apresentada pela criança quando ela passa a discutir com os adultos (CORIA-SABINE, 1993, p. 59-60).

Uma das gravações feitas em uma comunidade na cidade de Cambuquira (MG) – que mesmo urbana é tida como rural – demonstra a opinião de três meninas a respeito do preconceito. Segundo o relato das garotas, o único tipo de preconceito que conhecem é o racial. Por isso, as perguntas e respostas por elas elaboradas e ditas discursam apenas sobre o racismo. As respostas e expressões mostram o quanto ele está presente no cotidiano das participantes.

Quadro 01: Exemplo 01

Pergunta: Porque as pessoas têm preconceito quanto ao tom de pele?

Ana Clara: Eu sou preta, você é branca. As pessoas têm que chamar eu de macaco, de preto. É inveja.

Maria Eduarda: Acho também que só porque eu vou ser negra e outra pessoa é branca e só porque essa pessoa pode ter tudo que ela quer e eu não posso ter, ela vai poder me colocar... (*apelido*⁴) e eu vou poder ficar com raiva dela. Isso aí não é o certo.

Pergunta (*produção, ao final da gravação*): O que vocês gostariam que as pessoas soubessem sobre o preconceito? Que mensagem que vocês gostariam que as pessoas ouvissem a respeito de preconceito?

Maria Eduarda: Para parar de colocar apelido, porque apelido dói no coração.

Ana Clara: Apelido é muito ruim para as pessoas que não tem as coisas melhor dentro de casa. É muito ruim.

Fonte: a autora

Quando maior o número de crianças discursando sobre um mesmo tema, maiores são as possibilidades de visões e ideias a respeito de como esse tema é tratado na sociedade. Levando em consideração que os grupos primários e secundários podem não ser capazes de oferecer um aprendizado que fuja do seu próprio processo de socialização, a interação entre as crianças pode apresentar uma nova possibilidade de ideias a respeito do assunto debatido.

A socialização pode não envolver tanto uma aprendizagem dos múltiplos detalhes específicos de um único papel concreto; frequentemente não haveria tempo ou energia suficiente para isto. O que parece ser exigido do indivíduo é que aprenda um número suficiente de formas de expressão para ser capaz de ‘preencher’ e dirigir

⁴ Muitas vezes durante essa gravação, as meninas utilizaram o exemplo do apelido para expressar uma forma de racismo que está presente no cotidiano delas.

mais ou menos qualquer papel que provavelmente lhe seja dado (GOFFMAN, 1985, p. 72).

Um dos temas levantados na roda de conversa sobre política, que aconteceu em um grupo de cinco crianças foi sobre a privatização das águas minerais da cidade de Cambuquira (MG). Um assunto que divide opiniões no município.

Quadro 02: Exemplo 02

Pergunta: A Prefeitura de Cambuquira pode vender as nossas águas?

Giulia: Não.

Heloísa: Não.

Sarah: Não, poder ela pode...

Heloísa: Poder ela poder, mas achar que é justo não é não.

Giulia: Poder ela pode, mas também tem que ter coisa da população. Votação.

Sarah: Claro que não, se vender a gente não vai ter mais água.

Giulia: Não. Se ele vender a água não vai ser mais nossa.

Valentina: Não, mas ele pode pegar a água e vender. Não vai acabar a água.

Giulia: Pode sim, pode secar.

Valentina: É.

Fonte: a autora

Outro fator importante a ser considerado é que a criança não tem vergonha ou receio de expor as outras suas experiências, o que pode gerar ao receptor a mediação e/ou identificação com o que é dito. “Lerner usa o termo ‘empatia’ para descrever a capacidade – estimulada pela exposição à mídia – de se imaginar no lugar do outro, e a considera um aspecto chave da vida social moderna” (1958 apud THOMPSON, 1995, p. 167).

Como quando, ainda na discussão sobre política, uma das meninas que participaram na discussão culpabilizou a população da cidade pelo lixo presente nas ruas e os demais não tiveram receio de opinar sobre o serviço prestado pela Administração do município.

Quadro 03: Exemplo 03

Pergunta: Por que as nossas cidades não são limpas?

Sarah: Porque a gente é porco.

(risos)

Giulia: Eu não acho que a gente é porco!

Sarah: A gente não joga lixo no lixo. Olha, passa um carro e pá! (faz um gesto de pessoa jogando lixo pela janela do quarto).

Giulia: Mas depende da pessoa...

Victor: Ou então é porque o prefeito não manda fazer nada, não manda cortar os matos, não manda limpar a rua.

Giulia: E quando manda não faz direito.

Heloísa: Quando não faz é ruim e quando faz, não faz direito.

Fonte: a autora

No segundo dia de gravação a respeito de preconceito, um grupo de quatro meninas foram reunidas para falar o que sabiam a respeito do tema.

Quadro 04: Exemplo 04

Pergunta: Você conhece alguma história de alguém que sofreu preconceito, como foi?

Ana Beatriz: A menina da minha sala e a outra elas brigam muito. Aí teve uma vez que elas brigaram. Elas discutem, mas não afeta tanto. Aí uma é negra. Aí a menina da minha sala falou que só porque ela é negra ela tem cabelo ruim. Aí a outra menina começou a chorar. Porque eu acho que outras coisas chamar de chato não ofende tanto como falar do que ela é.

Fonte: a autora

Nas respostas também foi observada a associação entre o que foi aprendido na escola com o tema do preconceito, fazendo análises que se baseavam no conteúdo ensinado em sala de aula. Koffka, em seus estudos, apontou que o desenvolvimento do pensamento tem dois aspectos: a maturação e a aprendizagem (1925 apud VIGOTSKI, 2008, p.119).

Uma vez que uma criança já formou certa estrutura, ou aprendeu determinada operação, ela será capaz de empregá-la em outras áreas. Damos-lhe um centavo de instrução, e ela ganhou uma pequena fortuna, em termos de desenvolvimento (VIGOTSKI, 2008, p.120).

Quadro 05: Exemplo 05

Pergunta: Por que o preconceito é maior entre os negros?

Ariane: Pra mim é porque antigamente os escravos eram negros, né. Então hoje os brancos acham que tem mais poder sobre os negros. Mas é tudo igual, não tem diferença. E

antes os brancos faziam tudo que quisessem com os negros, achavam que eram os donos deles.

Fonte: a autora

Segundo Vigotski, a criança “provavelmente acha difícil solucionar problemas que envolvem situações da vida cotidiana, porque não tem consciência de seus conceitos e, portanto, não pode operar com eles à vontade, conforme a tarefa exige” (VIGOTSKI, 2008, p.133). Para isso, segundo seus estudos, ela teria que passar pelo processo de aprendizagem, em colaboração com um adulto, que auxiliaria com a construção de tais ideias (VIGOTSKI, 2008, p.133). Contudo, é possível perceber que essa colaboração também ocorre na relação de uma criança com outra, durante uma discussão sobre política, por exemplo.

Quadro 06: Exemplo 06

Pergunta: Como a política pode ajudar na administração da cidade?

Giulia: A administração da cidade, pode ajudar nisso.

Sarah: Mas o que é a administração da cidade?

Valentina: Um exemplo, o nosso político, o nosso prefeito, vereador, essas coisas... ele cuida da nossa cidade, entendeu?

Giulia: Cuidar ele não cuida, né. Eles dão tipo ordens e a gente cumpre.

Valentina: Isso!

Fonte: a autora

Uma pauta bastante decorrente atualmente é a questão dos transexuais. Os pais de duas crianças que acabaram não participando do projeto questionaram se o assunto seria levantado durante as filmagens. Eles foram informados que as próprias crianças abordariam os assuntos referentes aos temas apresentados, sem a interferência dos envolvidos na produção. No segundo dia de gravação a respeito de preconceito, o tema surgiu a partir das próprias crianças.

Quadro 07: Exemplo 07

Pergunta: Por que existe preconceito se todos são iguais?

Ana Beatriz: Eu acho que é por causa que um quer ser melhor que o outro, quer se achar mais que o outro.

Lana: Eu acho que... quando alguém pensa que... como... como alguém... o homem, ele é homem, mas ele quer ser mulher aí todo mundo chama eles de bicha, essas coisas assim. Eu acho isso muito ruim.

Fonte: a autora

É através dessa discussão, que proporciona uma troca entre as experiências vividas em relação ao que é aprendido pelas crianças em seu processo de socialização, que o jornalismo infantil pode participar da construção da identidade. Considerando que hoje é possível, através da tecnologia, atingir as mais diversas regiões e crianças, como uma forma de levar, através da sua própria voz, a compreensão e o conhecimento entre as mais diversas culturas e aspectos sociais.

[...] a cada estágio de seu desenvolvimento, a criança adquire os meios para intervir de forma competente no seu mundo e em si mesma. Portanto, um aspecto crucial da condição humana, e que começa na infância, é a criação e o uso de estímulos auxiliares ou 'artificiais'; através desses estímulos uma situação inédita e as reações ligadas a ela são alteradas pela invenção humana ativa (JOHN-STEINER; SOUBERMAN, 1998, p. 163).

2.5 Uma crítica ao jornalismo

“O desenvolvimento é um processo unitário e individual” (CORIA-SABINE, 1993, p. 18). Por isso, entende-se que não é possível medir ou afirmar como o indivíduo receberá a mensagem transmitida. Como já mencionado,

[...] devemos abandonar a ideia de que os destinatários da mídia são espectadores passivos cujos sentidos foram permanentemente embotados pela contínua recepção de mensagens similares. Devemos também descartar a suposição de que a recepção em si mesma seja um processo sem problemas, acrítico, e que os produtos são absorvidos pelos indivíduos como uma esponja que absorve água” (THOMPSON, 1995, p. 31).

Com isso, abrem-se brechas para que seja questionado o motivo da produção de um programa que não terá o controle sobre a mensagem que transmite e o público ao qual está sendo transmitido. Esse questionamento está presente na vida do acadêmico de jornalismo por conta do modelo de jornalismo apresentado na atualidade: o jornalismo quarto poder e formador de opiniões.

Participar da construção da identidade da criança é possibilitar a ela o conhecimento sobre assuntos e fatos diversos, sem se ter o controle do que a criança

entenderá e como usará aquela informação. “Diferenças entre os receptores afetam principalmente as maneiras que cada um tem de se relacionar com as mensagens recebidas, de entendê-las, apreciá-las, discuti-las e integrá-las em suas vidas” (THOMPSON, 1995, p. 102).

Participar da construção da identidade da criança não significa fazê-la aceitar o que é dito, mas valorizar o confronto das ideias e não o seu resultado, pois até mesmo quando uma mensagem não é aceita ela surte um efeito.

Mas a reversibilidade do preconceito e da recusa do outro são também elementos marcantes na construção infantil da interação com outras crianças: a aprendizagem é, nesse sentido, a possibilidade do reconhecimento da igualdade (SARMENTO, 2007, p. 37).

A mídia não tem poder sobre a informação que expeli. Mas, invés de pensar nos resultados, é preciso repensar o processo.

3 CONCLUSÃO

Em tempos nos quais o acesso da criança à informação é questionado, é preciso considerar se o limite é realmente uma ferramenta eficaz ou se o diálogo aberto seria a melhor opção em um mundo cada vez mais globalizado e tecnológico. Hoje, a informação está presente em todos os lugares e através de diversos aparelhos acessíveis às crianças. Ouvi-las a respeito de assuntos dos quais elas tem conhecimento, mas geram dúvidas, assim como promover o conhecimento a respeito das mais diversas culturas presentes em nossa sociedade é uma forma de repensar como agir diante de fatores que não tem mais o teor de outrora.

A interação entre as crianças sem a interferência de um adulto é uma forma de não extrapolar os limites do que é dito, proporcionando o acesso à informação que não se assemelha ao processo de indução, visto durante a socialização. Para o jornalismo, fazer parte desse processo e alcançar resultados a partir dessas representatividades é também uma forma de repensar o “modo de fazer notícias” nos dias atuais.

Diante do apresentado, podemos concluir que a criança é capaz de compartilhar com as outras seu pensamento sobre assuntos inseridos na sociedade, mas que quase nunca são ouvidos através do ponto de vista infantil. Trazendo a tona sua experiência e percepção sobre o tema proposto e compartilhando com outras crianças a vivência de seu contexto social, como uma forma de participar da construção da identidade do indivíduo que recebe a mensagem transmitida.

REFERÊNCIAS

- BERGER, Peter L.; LUCKMAN, Thomas. **A construção social da realidade**. Tradução Floriano de Souza Fernandes. 38. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012. 239 p.
- CORIA-SABINE, Maria Aparecida. **Psicologia do Desenvolvimento**. São Paulo/SP: Ática, 1993. 168 p.
- ERIKSON, Erik H. **Infância e sociedade**. Tradução Gildásio Amado. Rio de Janeiro/RJ: Zahar, 1971. 391 p.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução: Maria Célia Santos Raposo. 7. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1985, 236 p.
- KOENING, Samuel. **Elementos de Sociologia**. 3. ed. São Paulo/SP: Zahar, 1973. 387 p.
- LAKATOS, Eva Maria. **Sociologia Geral**. 4. ed. São Paulo/SP: Atlas, 1990. cap. 7, p 118 - 121.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. Culturas infantis e interculturalidade. In: DORNELLES, Leni Vieira. **Produzindo pedagogias interculturais na infância**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007. cap. I, 19 - 40 p.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995. 360 p.
- TREVISAN, Gabriela de Pina. Amor e afetos entre crianças: a construção social de sentimentos na interação de pares. In: DORNELLES, Leni Vieira. **Produzindo pedagogias interculturais na infância**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007. cap. II, 41 - 70 p.
- TOMÁS, Catarina. Globalização: do reflexo na infância á reflexão com as crianças. In: DORNELLES, Leni Vieira. **Produzindo pedagogias interculturais na infância**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007. cap. III, p. 71 - 111.
- VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro. 6. ed. São Paulo/SP: Martins Fontes, 1998. 191 p.
- _____. **Pensamento e linguagem**. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. 4. ed. São Paulo/SP: Martins Fontes, 2008. cap. 6, p. 103 - 147.
- JOHN-STEINER, Vera; SOUBERMAN, Ellen. Posfácio. In: VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro. 6. ed. São Paulo/SP: Martins Fontes, 1998. 191 p.